

A HISTÓRIA É FORÇA PARA O PRESENTE: A NARRATIVA HISTÓRICA DE FRIEDRICH GUNDOLF

History is force for the present: The historical narrative of Friedrich Gundolf

Walkiria Oliveira Silva⁶⁵

RESUMO: Entre o final do século 19 e as primeiras décadas do século 20, o conhecimento histórico passou por diversos questionamentos acerca de sua função pragmática para a vida dos homens. A chamada crise do historicismo pode ser compreendida, neste sentido, como uma crise da função pragmática do conhecimento histórico em orientar os homens diante de suas próprias experiências no presente. Friedrich Gundolf, importante intelectual alemão das primeiras décadas do século 20, refletiu consideravelmente sobre o papel do conhecimento histórico para a vida prática a partir de uma análise da história da literatura alemã. Neste artigo, busca-se analisar a proposta da Friedrich Gundolf sobre o conhecimento histórico, a partir de dois de seus textos: *Vorbilder*, publicado em 1911 e *Hoelderlins Archipelagus*, publicado cinco anos depois.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Stefan George, Historicismo, Friedrich Gundolf.

ABSTRACT: Between the late nineteenth century and the first decades of the twentieth century, historical knowledge was questioned about his pragmatism function for human life. In this sense, the so called crisis of historicism can be understood as a crisis of the pragmatic function of historical knowledge to men's life. It's understood by pragmatic function the ability of historical knowledge to orientantion men in their present time. Friedrich Gundolf, an important intelectual of the first decades of twentieth century, thought about the function of history to pragmatic life based on his own research on history of german literature. This article seeks to analyzing Gundolf's proposals on historical knowledge from two of his texts: *Vorbilder*, published in 1911 and *Hoelderlins Archipelagus*, published five years later.

KEYWORDS: Stefan George Circle, Historicism, Friedrich Gundolf.

“E apesar de ser evidente que, à proporção que suas pesquisas avançam, o campo do que permanece por ser conhecido se torna cada vez mais vasto, os objetos da pesquisa se tornam cada vez mais complexos e os próprios conhecimentos alcançados por eles se tornam cada vez menos aplicáveis à vida, nada disso os incomoda e eles, plenamente convencidos da importância de seus conhecimentos, continuam a pesquisar, pregar, escrever, publicar e traduzir de uma língua para outra todas as suas pesquisas e raciocínios, que na maior parte nada têm de útil [...]”

Liév Tolstói⁶⁶

⁶⁵ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília - UnB. Este artigo é parte da minha pesquisa de doutoramento que conta com apoio do CNPq. Pesquisadora associada ao *Institut für Soziale Bewegung* / Ruhr Universität Bochum E-mail: walkiria.oliveiras@gmail.com. Agradeço ao professor Estevão de Rezende Martins pela leitura prévia e importantes sugestões.

⁶⁶ TOLSTÓI, Liév. “A destruição do inferno e sua reconstrução”. In: TOLSTÓI, Liév. *Contos Completos*. Vol.3. São Paulo: Cosac-Naify. 2015, 289.

A partir do último terço do século 19 e as primeiras décadas do século 20, o conhecimento histórico sofreu transformações a partir de novas concepções acerca das formas e das funções da ciência histórica para a vida dos homens do presente. Parte da intelectualidade alemã viu-se aturdida diante do crescimento da especialização do conhecimento científico, da derrocada do ideal humanista de intelectual voltado para a convivência harmônica da humanidade e do crescimento do domínio da técnica em diversos setores da vida cotidiana. A ciência, ao se encarcerar dentro das muralhas especializadas das universidades, havia perdido sobremaneira a sua capacidade para construir uma relação dialógica com os homens no desempenhar da sua vida prática cotidiana. Neste caminho, ciência e vida encontravam-se, ao olhar de diversos intelectuais, apartados um do outro.

Neste momento, não foi outra a temática central da reflexão de diversos intelectuais sobre o conhecimento histórico. *A Segunda Consideração Intempestiva* de Friedrich Nietzsche, publicada em 1874, é considerada um marco inicial da chamada crise do historicismo. Para o filósofo, a história, ao se transformar em uma ciência racional especializada havia se distanciado da sua capacidade para orientar os homens em seu presente e em suas possibilidades de ação frente às experiências da contingência. O conhecimento histórico não era mais capaz de formar o homem. Tratava-se, portanto, da derrocada da função formativa da história a qual havia se tornado inerte e mesmo nefasta. Contudo, para Nietzsche, a única solução possível para reestabelecer o elo entre história e vida era que a história deixasse de ser uma ciência racional especializada e autônoma⁶⁷.

⁶⁷ Para Thomas Brobjer, historiador das ideias e especialista em Nietzsche, a *Segunda Consideração Intempestiva* não pode ser tomada como a única referência sobre as considerações de Nietzsche para o conhecimento histórico, embora seja o único texto no qual o filósofo tratou extensivamente e exclusivamente acerca do tema. Brobjer sublinha que Nietzsche não retomou sua obra e os seus conceitos de história antiquária, monumental e crítica nela apresentados. De acordo com o autor, a história se tornou importante para o pensamento nietzscheano sobretudo após 1876. Sua *Genealogia da Moral*, para Brobjer, bem como seu projeto filosófico e sua tentativa de reavaliação de todos os valores pressupunha o entendimento acerca do conhecimento histórico e suas funções. (BROBJER, 2004, p.160). Um caminho possível para entender a relação de Nietzsche com a história, a partir do texto de 1874, é compreender sua relação com o ideal neo-humanista e romântico de Grécia clássica. Brobjer afirma que sua crítica à história, tal como apresentada na *Segunda Consideração*, consiste em uma tentativa de resguardar o ideal neo-humanista sobre os gregos como um valor eterno – um *standart* – para a cultura e a estética, ao mesmo tempo em que essa tentativa não encontrava sustentação mediante os métodos históricos que haviam ganhado força com o historicismo, o qual afirmava que o mundo só poderia ser explicado a partir das ideias de desenvolvimento e mudança. A partir de 1875, Nietzsche teria se afastado desse ideal neo-humanista. A razão para esse afastamento não seria apenas a relação de Nietzsche com Wagner e Schopenhauer, mas sua aproximação com o conhecimento histórico e seus métodos e a constatação de que o ideal neo-humanista de Grécia clássica não poderia ser assegurado historicamente (BROBJER, 2004, p.164-165). Contudo, a importância das considerações intempestivas acerca das vantagens e desvantagens da história para a vida, ainda hoje, permanece como a principal referência para a relação entre Nietzsche e a história. Não procuro tecer aqui uma relação direta entre a concepção de Nietzsche e de Gundolf sobre a história, mas destacar a importância indiscutível de Nietzsche – e claro, de sua *Segunda Consideração* - para o questionamento do paradigma historicista dominante até àquela época.

O objetivo de reconstruir o caminho pelo qual fosse possível restabelecer a união entre conhecimento histórico e vida prática foi central na discussão sobre o conhecimento histórico entre o final do século 19 e as primeiras décadas do século 20. A experiência traumática da Primeira Guerra Mundial faria aprofundar o debate. Embora não seja o período aqui tratado, cabe destacar que não foi diferente o ponto central da reflexão sobre o conhecimento histórico após a experiência da Segunda Guerra Mundial e suas consequências nas consciências individuais e coletiva. Para além das reflexões sobre novas propostas teóricas e metodológicas da história, o questionamento acerca da função pragmática do conhecimento histórico foi fundamental.

A conclusão de Nietzsche era, para muitos intelectuais, correta: a história havia perdido sua função utilitária para a vida dos homens. Entretanto, a solução para essa crise não estava no enfraquecimento ou despojamento do estatuto científico da história. Neste sentido, a possibilidade de reunificação entre história e vida passava pelo próprio reforço da autonomia científica do conhecimento histórico. Portanto, a crise do historicismo pode ser compreendida, como apontou Thomas Nipperdey, como uma crise da função pragmática de orientação do conhecimento histórico na vida dos homens, na sua formação para um agir adequadamente no mundo diante de suas próprias possibilidades de ação (NIPPERDEY, 1990, p. 633-637). Na mesma linha Jörn Rüsen entende a crise do paradigma historicista como um retroceder da capacidade da historiografia, enquanto produto da pesquisa metodicamente controlada, de orientar a vida dos homens diante de suas escolhas de ação em sua vida prática. De acordo com Rüsen, a historiografia pode ser entendida como o processo de constituição de sentido e desta forma o conhecimento histórico é inserido na vida humana prática mediante narrativa. É a partir dessa relação dialógica entre história e vida prática que os sujeitos se orientam e se autocompreendem mediante as mudanças temporais significativas (RÜSEN, 2007, p.43). Neste sentido, se há uma crise do conhecimento histórico ela está ligada diretamente à sua função na vida prática e no agir humano cotidiano.

Friedrich Gundolf (1880-1931) completou sua formação acadêmica em um momento de profunda reflexão e transição, no qual a discussão em torno das funções do conhecimento científico para a vida era constante e fundamental. Gundolf, cujo patronímico Gundelfinger foi modificado por sugestão do poeta Stefan George (1868-1933), estudou História da Arte e da Literatura e Filosofia nas universidades de Munique, Heidelberg e Berlim, a partir do semestre de verão de

1900. Frequentou aulas de professores destacados como as do historiador da arte Heinrich Wölfflin (1864-1945) o qual era, nas palavras de Gundolf, “um novo historiador da arte o qual eu não posso suficientemente louvar e que pode me ensinar em duas horas mais do que qualquer professor [...]”⁶⁸ (KLUNCKER, 1978, p.106). Foi aluno e amigo de Georg Simmel (1858-1918) e travou intensos diálogos intelectuais com Max Weber (1864-1920), a quem conheceu pessoalmente em 1909⁶⁹. Por volta deste mesmo ano, mostrou um profundo interesse pela obra do filósofo francês Henri-Bergson (1859-1941), o qual segundo Gundolf, em carta ao poeta Stefan George, “ainda era desconhecido na Alemanha” (BOEHRINGER, 1962, p.192)⁷⁰

Gundolf publicou, no ano de 1904, *César na literatura alemã*, resultado de seu doutoramento na Universidade de Heidelberg sob orientação do seu professor de Germanística Erich Schmidt (1853-1913)⁷¹. Em 1911, publicou sua tese de livre docência, supervisionada pelo economista e sociólogo Alfred Weber (1868-1958) e pelo historiador Eberhard Gothein (1853-1923), com o título *Shakespeare e o espírito alemão*. A obra de Gundolf foi elogiada por Wilhelm Dilthey (1833-1911) filósofo com o qual Gundolf se correspondeu e por quem foi fortemente influenciado. A amplitude da obra de Gundolf impressiona. De maneira geral, sua vasta obra – que ainda inclui diversos artigos e textos não publicados – mostra um grande interesse do germanista pela história da literatura alemã mediante a análise de obras de autores significativos que influenciaram a formação da identidade cultural alemã.

Embora apresentasse um profundo interesse pela história da literatura alemã, Gundolf não era historiador de formação. No entanto é evidente que seu interesse era analisar sobretudo o desenvolvimento histórico da identidade cultural alemã mediante análise histórica da sua própria literatura. Logo, Gundolf possuía um grande interesse pelos debates acerca do conhecimento histórico e não ficou indiferente às questões sobre a função pragmática do conhecimento histórico para a vida prática, tal qual ocorria nas primeiras décadas do século 20. Em um momento de

⁶⁸ Carta de Gundolf a Karl Wolfskehl, 5 de maio de 1901.

⁶⁹ Gundolf e Max Weber encontraram-se regularmente em Heidelberg. Sobre uma análise detalhada da relação entre Gundolf e Weber, ver GROPPÉ, 1997, pp. 582- 618.

⁷⁰ Gundolf a Stefan George, carta de fevereiro [sem dia] de 1909. O irmão de Gundolf, Ernst Gundolf (1881-1945), publicou no III *Jahrbuch* um ensaio sobre a obra de Bergson. Também bastante ativo nas discussões do Círculo de George, o irmão de Gundolf nunca completou os estudos formais devido ao seu frágil estado de saúde.

⁷¹ Gundolf pediu a Wölfflin que também acompanhasse o desenvolvimento de seu trabalho. Gundolf a Wolfskehl, carta de 21 de dezembro de 1901 (KLUNCKER, 1978, p.144). Gundolf entregou seu trabalho no final do ano de 1902, como informou a Wolfskehl em carta de 10 de novembro de 1902 (KLUNCKER, 1978, p.163). Gundolf passou pelo exame de doutoramento em 20 junho de 1903.

efervescência e renovação no campo das *Geisteswissenschaften* em geral, era natural que um intelectual com profunda formação humanística, como Gundolf, se envolvesse em tais discussões. Além disso, seu esforço efetivo em entender e definir a função do conhecimento histórico deixa claro que as reflexões sobre a história não ficaram restritas somente aos historiadores de formação. Além disso, é preciso ressaltar que Gundolf era germanista. A germanística tinha métodos de análise evidentemente históricos e havia sido muito influenciada pelo surgimento da história como ciência a partir do historicismo alemão. Nesse sentido, podemos afirmar que a própria formação em germanística despertou em Gundolf, muito provavelmente, um interesse pelo desenvolvimento histórico da cultura alemã.

Analisar a posição de Gundolf diante do debate sobre a função do conhecimento histórico para a vida prática é o objetivo deste artigo. Não se trata de uma reflexão sobre a vasta obra do germanista alemão. A partir de dois textos do autor, *Hoelderlins Archipelagus* [Arquipélago de Hoelderlin] e *Vorbilder* [Exemplos], busca-se compreender o quanto possível, a contribuição de Gundolf para a atividade fundamental do historiador: a reconstrução do passado. Gundolf não foi um teórico da história, e assim, nunca compôs um tratado sistemático sobre suas ideias para a epistemologia da ciência histórica. Suas reflexões e contribuições encontram-se, de maneira geral, pulverizadas em seus livros, artigos e correspondências.

Hoelderlins Archipelagus [Arquipélago de Hölderlin] embora publicado em 1916, diz respeito à conferência que Gundolf proferiu como parte de seu exame para obtenção do título de doutor, diante do poeta Stefan George e de Max Weber, em 26 de abril de 1911, na Universidade de Heidelberg. Nesta conferência, Gundolf buscou realizar uma análise diacrônica da recepção do poema de Friedrich Hölderlin (1770-1843) *Der Archipelagus* [O arquipélago] (1800/1801) e de seu significado para os alemães de seu próprio tempo. Ao longo de sua análise, Gundolf teceu profundas reflexões sobre o conhecimento histórico e suas demandas. *Vorbilder* [Exemplos] foi publicado no terceiro *Jahrbuch für die geistige Bewegung* [Anuário para o movimento espiritual], em 1911. Gundolf considerou seu artigo como ligado à *Blätterreligion*⁷², uma clara referência ao Círculo de Stefan George. Diferente da sua abordagem sobre Hölderlin, *Vorbilder* constitui um texto eminentemente teórico. Nele, Gundolf preocupou-se em apontar as imbricações entre o

⁷² O termo *Blätterreligion* diz respeito às *Blätter für die Kunst* [Folhas para a arte], principal publicação do Círculo de Stefan George.

conhecimento histórico e o indivíduo, mediante o reforço da função pragmática da narrativa histórica.

Há nestes textos, portanto, dois momentos: o primeiro deles constitui um texto voltado para um público acadêmico. Trata-se de uma *Vorlesung*, uma preleção (aula) proferida na Universidade de Heidelberg. O segundo é um artigo que compôs um número de uma publicação oficialmente vinculada ao Círculo de Stefan George, o *Jahrbuch für die geistige Bewegung*. Não deixa de ser substancial que o *Jahrbuch*, de caráter polêmico, era dirigido, de certa maneira, também ao público acadêmico, pois em muito discutia questões ligadas à ciência de seu tempo. Em certa medida, esses dois textos, tratam de questões parecidas a partir de duas experiências diferentes: a vida acadêmica formal e a vivência no Círculo de Stefan George.

É impossível não mencionar a participação efetiva de Gundolf no chamado Círculo de Stefan George. Gundolf conheceu, por intermédio de Karl Wolfskehl (1869-1948), o poeta Stefan George do qual foi muito próximo sobretudo até o final da Primeira Guerra Mundial, em 1899. Seu rompimento definitivo com o poeta ocorreu em 1926, ano em que Gundolf casou-se com Elisabeth Salomon (1893-1958). Nesse ínterim, Gundolf foi o mais importante discípulo de Stefan George e o principal membro de seu Círculo. De maneira geral, podemos compreender o Círculo em torno de George, sobretudo a partir da virada do século, como um grupo de intelectuais que buscavam discutir a situação da arte, ciência e sociedade de seu tempo. Com um caráter místico e religioso em torno de George, seus membros – todos advindos da burguesia culta alemã – acabaram por ocupar cargos de docência em diversas universidades alemãs ao longo das primeiras décadas do século 20. Ademais, diversos intelectuais como Simmel, Max Weber, o sociólogo e filósofo Erich von Kahler (1885-1970) e o historiador da literatura Ernst Robert Curtius (1886-1956) aproximaram-se, mesmo de maneira não oficial, do Círculo de George. Espalhados pelas universidades alemãs, intelectuais como Gundolf, Karl Wolfskehl e Friedrich Wolters (1876-1930) tentaram conciliar seu próprio fazer científico com suas respectivas experiências no Círculo de Stefan George.

É significativo ressaltar que o Círculo de Stefan George, ao contrário do que o nome possa sugerir, não era um grupo homogêneo em relação às suas premissas. A partir de 1910, quando os jovens georgeanos como Gundolf, tornaram-se professores universitários, o Círculo de George espalha-se de acordo com a presença desses intelectuais nas universidades. Wolters, por exemplo, ocupou cargo docente nas Universidades de Marburg e Kiel e lá acabou por formar um pequeno

EXPEDIÇÕES

Teoria da História &
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

Círculo de discípulos a fim de promover o que ele acreditava ser os ideais do Círculo de George. Já Gundolf, por exemplo, nunca formou um Círculo em torno de si na Universidade de Heidelberg⁷³. Essa atitude nunca pareceu interessar a Gundolf que, ao que parece, não se importava com a divulgação ou com a expansão do próprio Círculo, mantendo uma postura muito mais hermética. De maneira geral, eram os próprios intelectuais que moldavam os ideais que acreditavam determinar o Círculo de George. Nesse sentido, por exemplo, princípios comuns em relação à uma postura avessa ao racionalismo, à técnica, a valorização da subjetividade para o conhecimento era moldado de acordo com os estudos e crenças de cada um dos georgeanos separadamente.

É preciso repensar também a própria importância do poeta Stefan George para a formação dos princípios e das discussões que permeiam as obras dos próprios georgenos e das suas reflexões sobre o conhecimento científico de modo geral. Em Gundolf, por exemplo, é necessária uma reflexão ponderada. George acompanhou de perto a produção acadêmica de Gundolf e corrigiu suas obras. No entanto, as trocas de cartas – daquelas que sobreviveram – entre ambos evidencia uma influência menor do que parece. George tinha, evidentemente, uma relação muito próxima a Gundolf, no entanto pouco discutia acerca do trabalho acadêmico do germanista. Inclusive, ao comentar *Goethe*, publicado em 1916, George chama a atenção de Gundolf para um excesso de misticismo em torno da figura de Goethe⁷⁴. Era com Wolters que Gundolf discutia consideravelmente suas apreensões e reflexões sobre a ciência e sobre o desenvolvimento de suas obras. Na relação entre George e seus seguidores é preciso refletir sobre – a meu ver – uma diferença evidente entre aquilo que poderíamos chamar de a luz e a sombra⁷⁵.

⁷³ A questão quanto ao papel dos membros do Círculo de Stefan George nas universidades alemãs é discutível. Embora alguns autores como Carolla Groppe reforcem essa importância, na verdade ela parece ser significativa em Heidelberg devido ao reconhecimento intelectual de Gundolf por seus pares. É sabido que Gundolf era um professor que causava impressão nos alunos – suas aulas eram sempre lotadas, mesmo no período da guerra – devido à sua participação no Círculo, mas sobretudo à sua importância acadêmica no período. No entanto, Gundolf não imitou George e não procurou por discípulos. Outros membros do Círculo como Wolters ou o economista Edgar Salin tiveram pouca repercussão à época. Cabe refletir se não é perigoso estender a fama de Gundolf em Heidelberg para o espaço universitário alemão de modo geral.

⁷⁴ Em carta a Gundolf, datada de 28 de julho de 1916, George aponta que Gundolf havia exagerado, fabulado [*fabeln*] em seu capítulo “Neue Lyrik” [Nova Lírica] (BOEHRINGER, 1962, p. 282). *Goethe*, principal obra de Gundolf, foi publicada em meados de setembro de 1916. No entanto, Gundolf terminou o livro em dezembro de 1915. A demora na publicação foi causada pelos problemas advindos da guerra, como a falta de papel para impressão. Portanto, a crítica de George não causou modificações na obra publicada, que àquela época já se encontrava em processo de impressão. Em abril, metade da obra já se encontrava pronta.

⁷⁵ A meu ver é preciso muito cuidado ao indicar uma relação controladora entre George e Gundolf. Que isso tenha se dado num primeiro momento é certo, no entanto Gundolf tendeu a tornar-se, sobretudo academicamente, independente com o desenvolvimento de sua carreira acadêmica e principalmente após a Primeira-Guerra Mundial. Por isso, minha tentativa é defender que não há uma relação controladora entre Gundolf e George e isso está muito claro no trabalho de

O significado da participação de Gundolf no Círculo de George é incontestável. Todavia não é o objetivo deste artigo, traçar um paralelo entre seus textos e as premissas defendidas pelo Círculo de George, embora tais paralelos sejam devidamente apontados quando necessários. O objetivo deste artigo, mediante os textos selecionados, é analisar a posição de Gundolf frente ao debate sobre a função do conhecimento histórico para a vida humana prática, para a capacitação do agente racional humano em suas escolhas diante das suas possibilidades de ação.

O indivíduo movimenta a história

Os artigos e demais obras de Gundolf são marcados por uma rica e, ao mesmo tempo, confusa construção conceitual. De modo geral, alguns conceitos apresentam-se de forma constante na obra de Gundolf e são, diversas vezes, utilizados de forma automática, sem um esclarecimento específico de seu significado e relevância. A importância que Gundolf deu à construção conceitual talvez possa ser explicada pela sua própria formação em germanística. Gundolf deu uma relevância significativa ao uso de conceitos que pudessem expressar devidamente o cerne de sua reflexão.

Gundolf se interessou em compreender como as experiências históricas do passado continuavam a atuar nas experiências dos homens de seu tempo. Para entender a interdependência entre o passado e sua influência no presente, era imprescindível entender o papel dos indivíduos históricos significativos nessa dinâmica temporal. Não por acaso, Gundolf fez uso do substantivo “*Bewegung*” [movimento] para entender as ações do indivíduo significativo atuante nos processos históricos do passado e cuja influência se encontrava no presente. Neste “*Bewegung*”, o passado estaria ainda presente, não como algo morto, desvinculado do presente, mas como força [*Kraft*] e influência [*Wirkung*] (GUNDOLF, 1965, p.173). O passado seria, portanto, atuante no presente. Neste sentido, no indivíduo, também denominado por Gundolf como “*Geister*”, “nenhuma diferença havia entre mortos e vivos” (GUNDOLF, 1965, p.173), pois o passado tornava-se, nele,

Gundolf. As suas referências principais como Dilthey e Henri-Bergson não passam por George. Sua concepção mesmo de historicismo ou das funções do conhecimento histórico pouco são discutidas em cartas com George. Stefan Breuer em seu *Ästhetischer Fundamentalismus. Stefan George und der deutsche Antimodernismus* sugere que todo o desenvolvimento e formação do Círculo, a partir da relação com o poeta e seus discípulos, como ele os denomina, seria o desenrolar da característica narcísica de George – um desenvolvimento de seu narcisismo infantil. Embora respeitável, entendo a opção por uma análise psicanalítica em torno de George e seu Círculo rica, porém muito pouco proveitosa para esta pesquisa.

força viva para seu próprio tempo. A história constituía, portanto, um movimento pendular – articulado pelo indivíduo – mediante o qual passado, presente e futuro se inter-relacionavam.

Esse indivíduo que se move na história e move a história é designado por Gundolf sob o conceito de *Gestalt*.⁷⁶ Resguardadas as devidas diferenças, seria possível mencionar a máxima de Marc Bloch para Gundolf, pois a história é a história dos homens no tempo (BLOCH, 2002, p.67). Assim, para Gundolf não há outro caminho através do qual seja possível entender o passado, a não ser através dos indivíduos, *Gestalt*, em seu agir no mundo, *Bewegung*.

os maiores pensamentos estão nos homens, através dos homens e provém dos homens. O mundo espiritual e histórico não existe fora dos homens reais [...] Homens não são o substrato de ideias, mas seus criadores e seu conteúdo. O homem está sempre antes da ideia: ideias são meios ou resultado, mas não o princípio [*Ursache*] (GUNDOLF, 1965, p.174)

De acordo com a concepção de Gundolf sobre o papel do indivíduo no processo histórico era manter o significado do passado para o presente, uma vez que portava um conteúdo atemporal. Esses indivíduos, ao agirem no mundo, davam expressão a um conteúdo atemporal fundamental para o significado do passado que era interpretado pelos homens do presente. Para Gundolf, esse conteúdo pode ser compreendido apenas temporalmente, pois “o eterno apenas existe no tempo, é compreensível como temporal.” (GUNDOLF, 1965, p.179). Parece existir um conteúdo metafísico indispensável no processo histórico sempre readaptável às contingências do presente.⁷⁷ Por essa razão, ao voltar-se para as experiências históricas do passado, o historiador deve “converter [o indivíduo] em seu próprio ser e as irradiações que dele receber transformar em uma nova criação [*Gebild*].” (GUNDOLF, 1965, p.173). Esse processo de conversão somente poderia realizar-se intersubjetivamente. Na linha de Wilhelm von Humboldt cujo clássico ensaio sobre a tarefa do historiador realçou o caráter intersubjetivo do conhecimento histórico, Gundolf sublinhou que apenas poderíamos conhecer aquilo “que também está em nós” (GUNDOLF, 1965, p.179). O conhecimento histórico era produzido mediante o estabelecimento de um diálogo intersubjetivo

⁷⁶ *Gestalt* é utilizado por Gundolf, amplamente, para designar o indivíduo significativo nos processos históricos. *Gestalt* é traduzido por forma. Até agora, podemos entender que há o passado enquanto coisa em si [Stoff – Matéria] e o indivíduo que através de sua obra – ação no mundo - dá forma a esse passado é o que chega até nós enquanto fenômeno.

⁷⁷ “In jeder historischen Aufgabe liegt ein Punkt, wo sie metaphysisch bedingt. Erst wer den findet und sie dort anpackt, kann ihre Möglichkeiten erschöpfen, sie als Hebel benutzen, um eine ganze Geisteswelt mit herauf zu heben; dazu bedarf es nicht grosser Begriffsmaschinen, sondern eines glückhaften Gefühls für das Wesentliche, das immer einfach und unscheinbar ist, das *punctum saliens* [...] Berechnen lässt jener schöpferische Punkt sich nicht, und er liegt bei jeder Aufgabe woanders.” (GUNDOLF, 1908, p. 133. Apud RAULFF, 1992, p.121)

entre os homens em suas experiências históricas do passado e os homens do presente a partir de sua própria historicidade.

No ato cognitivo de pesquisar o passado, Gundolf entende que a história [*Geschichtswissenschaft*] apenas pode trabalhar com indícios, resíduos de experiências históricas passadas. Por isso, o conhecimento histórico constitui para ele um processo cognitivo no qual uma força atuante entra em contato com o pesquisador o qual, no seu presente, a recebe e a reatualiza. Segundo Gundolf, não bastava descrever o passado, era indispensável conectá-lo ao presente. Mais uma vez, Gundolf aproxima-se notavelmente de Humboldt segundo o qual “se não sair em busca da articulação da situação contemporânea com as modificações vividas no passado, o historiador, de fato, só produzirá caricaturas” (HUMBOLDT, 2010, p. 90-91). O conhecimento histórico somente se realiza se, e somente se, promover o diálogo intersubjetivo entre a força ativa do passado e a daquele que pesquisa no presente.

A ciência da história tem que verificar e significar como provas os os sedimentos – fatos, gêneros, palavras – que são resíduos de processos vividos. Então ela preenche novamente os conceitos gerais com sangue e carne individuais, desperta o contorno vazio com cores e movimento [...] a partir do contato entre as forças atuantes e as forças que as recebem. (GUNDOLF, 1916, p.5)

Gundolf interessou-se em compreender o significado do passado para o presente mediante análises acerca da história da literatura alemã com base em seus autores significativos. Nesse âmbito, as obras desses autores constituíam a principal fonte para a história⁷⁸. Nesse sentido, pode-se considerar que o indivíduo age no mundo quando produz, e esse agir no mundo é o que movimenta o processo histórico em um diálogo constante entre passado, presente e futuro. O indivíduo, embora carregue consigo uma mensagem atemporal, não estaria desprovido de temporalidade. Gundolf não negou que a ciência histórica tinha por tarefa investigar processos únicos, irrepetíveis. Contudo, haveria algo de eterno em cada individualidade histórica e esse elemento só poderia ser compreendido pela análise das obras de um autor. É justamente esse elemento eterno que possibilitaria significar o passado a partir do olhar interpretativo do presente.

⁷⁸ Para Gundolf, apenas a análise da obra importaria. O autor destaca que a biografia de um autor não dava sentido à sua obra e sim a obra daria sentido à biografia do autor. Não é o objetivo aqui, discutir tais questões, mas parece haver uma afinidade entre o pensamento de Dilthey e de Gundolf no que tange à investigação mediante as obras produzidas por indivíduos que, ao expressarem sua vivência interna, possibilitaria ao pesquisador chegar até elas. A principal obra de Dilthey *Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften* é de 1910. Além disso, vale mencionar novamente que Dilthey foi professor de Gundolf. Esse ponto é destacado por Gundolf, em várias de suas obras e parece ser um ponto de permanência em seu pensamento. Outra possível relação com Dilthey seria o uso do conceito de vivência [*Erlebnis*] como princípio metódico fundamental para a compreensão do passado mediante um processo empático pelas obras. Esses pontos parecem ser um ponto de permanência na obra de Gundolf.

Esse eterno é preenchido por camadas temporais distintas, e por isso é compreensível somente a partir de processos temporais. Ao pesquisador cabia a difícil tarefa de entender a mensagem atemporal do agente histórico em sua própria historicidade, seu diálogo com o passado a partir dessa historicidade e sua influência para o presente via a captura desse elemento atemporal difundido pelo seu agir no mundo: sua obra. Embora Gundolf não tenha deixado um texto minucioso sobre esse assunto, afirmou que o elemento eterno é temporal na medida em que é reinterpretado e inserido na contemporaneidade dos próprios autores que o analisam. Existem, portanto, camadas temporais que se intercalam entre o pesquisador e sua fonte. Assim, por exemplo, Gundolf destaca que para entender o espírito grego – elemento eterno em Hölderlin- seria necessário compreender como o poeta o havia expressado a partir do “fogo do seu presente” (GUNDOLF, 1916, p.13). O mundo histórico era constituído por forças eternas – modificáveis diante das experiências históricas - que eram novamente reinterpretadas e significadas pelo pesquisador o qual era também cercado pela sua própria historicidade. Assim, a natureza e culturas gregas de Hölderlin, expressas em suas obras, não são apenas um passado, mas forças ativas na contemporaneidade, tanto na de Hölderlin, quanto na do próprio Gundolf.

Hölderlin é, no sentido dado por Gundolf, uma *Gestalt*, pois é o agente que ao movimentar-se na história, dá a ela significado para os homens do presente. Hölderlin é o agente histórico que, a partir de seu *Bewegung*, permite o diálogo entre passado, presente e futuro em uma relação essencialmente intersubjetiva. Gundolf não explicou como resolver metodicamente as diferenças de temporalidades entre o pesquisador e seu objeto. Afirmou que o indivíduo significativo ao se expressar no mundo carregava uma dupla temporalidade. Era histórico, pois havia vivido em um tempo determinado pelo seu nascimento e morte. Por outro lado, era eterno, pois dava vazão a um elemento eterno atemporal, mas que só poderia ser entendido temporalmente. Por isso Hölderlin “entre a sua atemporalidade e sua temporalidade [...] era para os alemães o protetor do fogo eterno” (GUNDOLF, 1916, p.25).

O conhecimento histórico se constitui a partir de um diálogo intersubjetivo entre o objeto – no caso de Gundolf as obras literárias – e o pesquisador em uma dialética entre o temporal e o atemporal. A partir de sua própria subjetividade e temporalidade o pesquisador devia buscar o elemento eterno expresso pelo autor ao qual se dedicava. Hölderlin, por exemplo, não deveria ser compreendido como um autor desconectado do presente, como uma “reliquia”, como sugeriu

Gundolf. O poeta, mediante suas obras, não era apenas matéria [*Stoff*] do passado, mas era forma, *Gestalt*. Gundolf fez uso de um par conceitual para diferenciar o passado morto e o passado que vivia, como força ativa e criadora no presente. Assim, “*Stoff*” [matéria] dizia respeito ao passado em um sentido antiquário, enquanto “*Kraft*” se referia à força, ou influência, do passado no tempo presente. Assim, para Gundolf, o passado [*Stoff*] transforma-se em força [*Kraft*] mediante o indivíduo cujas obras – sua ação no mundo – possibilitaria que essa força pudesse ser reatualizada no presente. Gundolf não explicou, metodicamente, como alcançar esse elemento eterno que parece ser alcançado mediante uma relação fortemente intuitiva com o passado.

A apreensão do passado apenas torna-se relevante quando se compreende seu significado para o presente a partir da procura por um elemento eterno que o significa. Há um elemento metafísico o qual, modificado temporalmente, se adequa às experiências do presente e às expectativas do futuro. Nesse sentido, pode-se dizer que Gundolf procurava por um elemento normativo para o presente. Na realidade, o autor buscava entender como os alemães deveriam ser a partir da garantia de uma continuidade histórica ancorada em um elemento eterno que permaneceria se adequando para fundamentar a identidade histórica e cultural alemã.

Em sua análise de Hölderlin, Gundolf elegeu a natureza helênica do poeta como elemento fundamental de seu espírito, expresso em sua obra, elemento eterno o qual se movia, mediante as obras do poeta, no tempo histórico como um movimento pendular coberto por camadas de temporalidades distintas. Sua importância para os alemães se dava na medida em que era possível resgatar esse espírito grego para o próprio presente e inseri-lo nas expectativas de futuro. Por isso, Gundolf fala em uma *Wirkungsgeschichte*, uma história da influência, que pode ser caracterizada em um sentido eminentemente pragmático. Trata-se de retirar do passado não exemplos, no sentido de uma historiografia *magistra vitae*, mas de detectar forças que poderiam auxiliar na orientação dos indivíduos diante de suas escolhas de ação no mundo. A história, para Gundolf, parece indicar um mundo de possibilidades que, ao ganhar significado para o presente, mediante o ato cognitivo intersubjetivo de interpretação do passado, orientam o agir adequadamente no mundo.

***Geistesart*: a necessidade de uma outra história**

Não é tarefa fácil mapear na obra de Gundolf, sua compreensão acerca do conceito de “*Historismus*”. Ao que parece, o germanista entendia por historicismo – ou historicismo, embora o

termo historicismo seja o utilizado por Gundolf⁷⁹ – um conhecimento histórico produzido a partir do despojamento da subjetividade do pesquisador, considerada dispensável, ou mesmo, prejudicial. Assim, o historicismo abarcava, pela ótica de Gundolf, o conhecimento histórico que, ao buscar erradicar a subjetividade, almejava se desconectar das necessidades do presente. De maneira geral, Gundolf entendia sob o conceito de “*Historismus*” um conhecimento histórico cujo parâmetro de objetividade fosse equiparado ao das ciências naturais. Nessa lógica, o historicismo abarcaria a produção de um conhecimento histórico considerado por ele como morto para a vida, um culto de relíquias, como ele mesmo o designou. Portanto, a crise do conhecimento histórico constituía, nesta lógica, uma crise da função pragmática da história para o tempo presente. Uma possível resposta à crise era a conciliação entre história e vida prática mediante a reabilitação da subjetividade do pesquisador como elemento inerente e indispensável à compreensão do passado.

Gundolf procurou afastar-se de uma concepção de passado no sentido antiquário, um passado dado, de nós apartado e sem significado para o presente e para as construções de expectativas de futuro. Esse passado [*Stoff*] seria inútil. A pesquisa devia focar-se no passado vivo, ou seja, no significado do passado para os homens diante das experiências do seu tempo presente. A narrativa histórica teria por tarefa expor esse significado do passado, o que Gundolf chamou de *Kraft* [força].

Gundolf não era inocente. Entendeu que alcançar o passado em sua totalidade, enquanto *Stoff*, era impossível. O passado só chega ao historiador mediante uma reconstrução levada a cabo a partir de sua própria subjetividade. A subjetividade seria marca distintiva das *Geisteswissenschaften* em geral, considerada como um ponto positivo, não prejudicial ao trabalho intelectual de compreensão do passado.

No intuito de enfatizar a necessidade de pesquisar não o passado em si, mas seu significado para o presente, Gundolf propôs uma dicotomia conceitual. A pesquisa enquanto *Forschung*, cujo único objetivo era a busca da verdade mediante o aniquilamento da subjetividade- e neste caso, sinônimo do que o autor compreendeu por *Historismus*- se contrapunha à *Geistesart* [forma espiritual]. Essa última procurava “pelo que se fazia útil, por despertar forças, por intensificar o sentimento de vida”.⁸⁰ (GUNDOLF, 1965, p. 173). Trata-se de uma construção conceitual que busca

⁷⁹ “Historicismo”, conceito amplamente adotado para denominar o paradigma dominante na ciência histórica alemã ao longo do século do 19, foi cunhado posteriormente. O termo alemão é “*Historismus*”.

⁸⁰Distinção semelhante faz Ernst Kantorowicz o qual, em 1931, na sua conferência em Halle, durante o 17. *Historikertag*, defendeu o conhecimento histórico a partir do Círculo de Stefan George. Kantorowicz fez uma distinção

ênfatisar a função pragmática do conhecimento histórico. Neste sentido, o mesmo aplicava-se ao indivíduo. Ao tentar analisar o indivíduo, inserido em seu próprio mundo histórico, a partir de suas obras – seu agir no mundo – era importante despertar sua força, sua influência para o presente.

Não é nosso dever um culto de relíquias, uma reedificação do passado, um serviço de autoridade [*autoritätsdienst*]. Os grandes são grandes através de sua inesgotável novidade, não através de sua antiguidade imutável..porque eles *são* por mil anos, não porque *foram* por mil anos. (GUNDOLF, 1965, p.174. Grifos do autor)⁸¹

A importância do indivíduo para a história consiste em sua capacidade para movimentar a história. O indivíduo, ao movimentar-se na história [*Bewegung*] é um *Gestalt* [Forma] na medida em que dá forma ao passado mediante suas ações. O passado como coisa em si é inalcançável. O que os indivíduos nos deixam – no caso de Gundolf, a obra - é o fenômeno através do qual compreendemos o significado do passado para o presente. Essa visão é reforçada por Gundolf ao enfatizar que toda compreensão de um indivíduo é feita a partir de sua obra, dispensando quase totalmente a biografia extratextual.

Não por acaso, um dos conceitos utilizados por Gundolf para adjetivar o indivíduo histórico ativo no mundo foi *Bewegung*. O indivíduo significativo é o que garante a continuidade histórica, o diálogo intersubjetivo entre os homens do passado e os do presente que assim, projetam seus próprios futuros. Por conseguinte, pode-se afirmar que, para Gundolf, o indivíduo é o que garante a continuidade do espírito – no sentido de uma identidade cultural – diante das transformações históricas significativas. O indivíduo é, neste sentido, o principal agente da identidade, pois garante a continuidade histórica dos alemães.

Entende-se aqui por identidade a continuidade histórica entre o passado, o presente e a conformação do futuro. A narrativa histórica é fundamental para garantir a ideia de permanência e continuidade diante das mudanças temporais significativas. A ideia de pertencimento e

entre a *Geschichtsforschung* e a *Geschichtsschreibung* no mesmo sentido de Gundolf. A primeira dedicava-se ao passado “morto”, a segunda, parte da literatura nacional, ao passado vivo para o presente. Cf.: KANTOROWICZ, Ernst. “Grenzen, Möglichkeiten und Aufgaben der Darstellung mittelalterlicher Geschichte”. In: GRÜNEWALD, Eckhardt. “Sanctus amor patriae dat animun – ein Wahlspruch des George-Kreises? Ernst Kantorowicz auf dem Historikertag zu Halle a.d. Saale im Jahr 1930 (mit Edition)”. *Deutsches Archiv* 50, 1994.

⁸¹ Os substantivos são grafados, no alemão, com inicial maiúscula. Entretanto, nas publicações oficiais do Círculo, essa regra não se aplicava, e por isso os substantivos eram grafados com inicial minúscula. Por isso, na tradução do trecho acima citado, “*autoritätsdienst*” está com inicial minúscula entre colchetes.

continuidade, no âmbito pessoal e coletivo, é impensável sem a reflexão da consciência histórica, pois somente ela é capaz de atrelar experiências históricas passadas para além de nosso próprio tempo, nosso presente e aquilo que esperamos do futuro (RÜSEN, 2015, p. 261-263).

Por esta razão, a *Geistesart* de Gundolf apresenta uma função evidentemente pragmática. Seu objetivo não é o alcance de uma verdade desprovida de significado para o presente, mas o alcance da *Wirklichkeit*, a realidade. A realidade para Gundolf é o passado vivo para o presente, o objetivo fundamental da sua *Geistesart*. Existe uma realidade do passado que, alcançável por meio dos indivíduos em sua existência, é substancial para garantir a continuidade histórica do presente.

Quando considerado sob a perspectiva da crise do historicismo, Gundolf procurou dar ao conhecimento histórico uma ressignificação pragmática. Alguns intelectuais como Ulrich Raulff enfatizaram o caráter anti-histórico de sua obra devido à ênfase no caráter subjetivo e intuitivo de sua proposta. Quando Gundolf afirma que “o passado, no qual vive o movimento do espírito, é influência e não conhecimento [*Wissen*]” (GUNDOLF, 1965, p.173) não significa que o germanista desqualificava a história científica. O que Gundolf negava era o conhecimento histórico produzido mediante uma objetividade que desprezava seu caráter subjetivo inerente. Gundolf criticou veementemente a produção de uma história de caráter antiquário cujo único objetivo seria descrever o passado. As experiências históricas do passado mereciam ser estudadas desde que pudessem constituir uma força estabilizadora para o presente.

Dois anos depois da publicação de *Vorbilder*, no terceiro *Jahrbuch*, Gundolf tornou a reformular a primeira versão de seu ensaio. Durante os primeiros meses de 1914, Gundolf e Friedrich Wolters planejaram a publicação do quarto *Jahrbuch für die geistige Bewegung*. Para este novo número, Gundolf havia decidido publicar uma nova versão de seu ensaio na qual destaca o que entendia por método histórico.⁸² Nesta nova versão do seu ensaio – uma expansão a fim de completar lacunas da versão anterior – Gundolf pretendia discutir mais detidamente a questão do método histórico e as funções do conhecimento histórico. Em 1914, Gundolf encontrava-se em um “furor editorial” (FRICKER, 2009, p.101), acreditava que o ano seria muito produtivo, tanto para suas próprias publicações, como para as publicações do Círculo. Todavia, diante da eclosão da Primeira Guerra Mundial, os planos editoriais foram cancelados. Um quarto *Jahrbuch* nunca chegou a ser publicado.

⁸² O plano editorial de Gundolf e Wolters encontra-se na correspondência trocadas entre ambos. Em carta para Wolters, de 16 de abril de 1914, Gundolf escreveu que já havia terminado a revisão de seu *Vorbilder* (FRICKNER, 2009, p. 101).

Anos depois, em 1919, Erich von Kahler (1885-1970) respondeu ao famoso ensaio de Max Weber (1864-1920), “A ciência como vocação”. Erich von Kahler⁸³ foi muito próximo ao Círculo de Stefan George e amigo de Gundolf, assim como Weber. Seu ensaio, “A vocação da ciência”, antes de ser publicado, foi largamente discutido entre os membros do Círculo. De maneira geral, ele refletia a posição do Círculo, e claro de Gundolf, com relação ao papel social da ciência. Contrário às posições de Weber, o ensaio de Kahler afirmava que a ciência tinha um papel crucial para a sociedade, pois relacionava-se diretamente com uma função pragmática na vida dos homens. A ciência possuía uma função formativa e, como em Gundolf, auxiliava os homens em suas escolhas e na manutenção da sua individualidade social e coletiva no mundo. Garantia a identidade. Gundolf, assim como muitos intelectuais de seu tempo, buscou responder à questão fundamental que ainda hoje persegue quem se dedica ao estudo do passado: Por que estudar e pesquisar história?

Referências Bibliográficas:

BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Ou O Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOEHRINGER, Robert (Hg.) *Stefan George Friedrich Gundolf Briefwechsel*. München; Düsseldorf: Helmut Küpper, 1962.

BROBJER, Thomas H. “Nietzsche’s View of the Value of Historical Studies and Methods. ” In: *Journal of the History of Ideas*. 65, 2004.

_____. “Nietzsche’s Relation to Historical Methods and nineteenth-century German Historiography.” In: *History and Theory*. 46, 2007.

FRICKER, Christophe (Hg.). *Friedrich Gundolf-Friedrich Wolters*. Ein Briefwechsel aus dem Kreis Stefan George. Köln;Weimar; Wien: Böhlau Verlag, 2009.

GUNDOLF, Friedrich. *Hoelderlins Archipelagus*. Heidelberg: Weiss’sche Universitäts-Buchhandlung, 1916.

_____. “Vorbilder”. In: LANDMANN, Georg P. *Der George-Kreis: eine Auswahl aus seinen Schriften*. Köln; Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1965.

HUMBOLDT, Wilhelm von. “Sobre a tarefa do historiador”. In: MARTINS, Estevão de Rezende (Org.) *A História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

⁸³ Na década de 60, Kahler publicou uma outra obra sobre o poeta e seu Círculo na qual salientou a relação dos membros do Círculo com o meio universitário alemão. VON KAHLER, Erich. **Stefan George**. Grösse und Tragik. Pfullingen 1964.

EXPEDIÇÕES

Teoria da História &
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

KLUNCKER, Karlhans (Hg.) *Karl und Hanna Wolfskehl Briefwechsel mit Friedrich Gundolf 1899-1931*. 2 vols. Amsterdam: Castrum Peregrini, 1978.

MARTINS, Estevão de Rezende. “Tempo e Verdade. Proposta de critério para um conhecimento histórico confiável”. In: SALOMON, Marlon (Org.). *História, Verdade e Tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

NIPPERDEY, Thomas. *Deutsche Geschichte: 1866-1918*. Band I: Arbeitswelt und Bürgergeist. Munique: Verlag C.H. Becker, 1990.

RAULFF, Ulrich. “Der Bildungshistoriker Friedrich Gundolf”. In: GUNDOLF, Friedrich. *Anfänge deutscher Geschichtsschreibung von Tschudi bis Winckelmann*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1992.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

_____. *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2015.

TOLSTÓI, Liev. *Contos Completos*. Vol.3. São Paulo: Cosac-Naify, 2015.